

ESTUDIOS NEOGRIEGOS

BOLETÍN DE LA SOCIEDAD HISPÁNICA
DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS

ISSN: 1137-7003

Diciembre 2003

Anexo 1



SOCIEDAD HISPÁNICA DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS
País Vasco 2003

ESTUDIOS NEOGRIEGOS

BOLETÍN DE LA SOCIEDAD HISPÁNICA
DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS

Diciembre 2003

Anexo 1



SOCIEDAD HISPÁNICA DE ESTUDIOS NEOGRIEGOS
País Vasco 2003

INDICE

INTRODUCCIÓN	5
PROGRAMA	7
1. OS MITOS DE HÉRCULES E DE ULISES NA LITERATURA PORTUGUESA, <i>Antonio Manuel de Andrade Moniz</i>	9
2. A GRÉCIA ANTIGA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA O LEGADO GREGO, <i>M^a Leonor Santa Bárbara</i>	27
3. MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA HISTÓRIA CULTURAL DO HELENISMO, <i>José Antonio Costa Ideias</i>	33
4. LA LEYENDA DE PÍRAMO Y TISBE EN EL TEATRO CRE-TENSE DEL RENACIMIENTO, <i>Olga Omatos Saez</i>	41
5. DEL GRIEGO ANTIGUO AL MODERNO, <i>Antonio Melero Bellido</i>	53
6. TRADICIÓN, TRANSMISIÓN Y VERSIONES: POR UNA EDI-CIÓN SINÓPTICA EXPERIMENTAL DE TODOS LOS TESTIMO-NIOS GRIEGOS DEL “DIYENÍS ACRITIS”, <i>Javier Alonso Aldama</i>	69
7. MOTIVOS DE LA ANTIGÜEDAD EN LOS ALBORES DE LA DRAMATURGIA NEOHELÉNICA, <i>Susana Lugo Mirón</i>	85
8. DEL GRIEGO ANTIGUO AL MODERNO: PLANTEAMIENTOS PARA LA GRAMATICALIZACIÓN DE UNA LENGUA, <i>Isabel García Gálvez</i>	103

A GRÉCIA ANTIGA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA O LEGADO GREGO

Maria Leonor Santa Bárbara
Universidade Nova de Lisboa (UNL)

“Mas, como não podia deixar de ser, o que o Ocidente herdou directamente dos gregos foi o que havia de mais transmissível na sua cultura, foi o que nela tinha ganho uma forma mais nítida. Mas só por um esforço de libertação, contra, por assim dizer, o nosso próprio sangue, é que nós, ocidentais, e mais ainda, nós, latinos, podemos abranger no nosso espírito uma Grécia não mutilada por esta tradição unilateral. A verdadeira Grécia, a Grécia «inteira», está tão distante de nós como a China ou a Índia.”

(Adolfo Casais Monteiro, *Melancolia do Progresso*)

Com estas palavras, termina Casais Monteiro um capítulo intitulado “A herança helénica”. Nele pretendia mostrar até que ponto a influência da cultura grega é relevante no Ocidente latino. Essa influência fez-se de maneiras distintas e está patente, nos dias de hoje, em formas culturais tão diversas como a literatura, a pintura ou o cinema¹. E já vem de longe este recurso à Antiguidade, encontrando-se em autores tão díspares como Luís de Camões ou Eça de Queiroz, para referir alguns autores nacionais, ou em poetas como Kavafis. Sendo Camões um exemplo demasiadamente apresentado para demonstrar a influência das civilizações clássicas, optei por um conto de Eça de Queiroz-“Perfeição”.

A acção deorre na ilha de Ogígia, onde Ulisses passa os dias, olhando o mar com saudade, prisioneiro do amor de Calipso. Sete anos se passaram, isentos de dor, de inquietação, de sofrimento. Sete anos durante os quais nada lhe faltava: as melhores iguarias, excelente vinho, o amor de uma deusa, eternamente jovem. Nada disto, contudo, aprazia a Ulisses, possuidor de tanta energia quanta a sua astúcia. Rodeado de ninfas, atentas aos seus menores desejos, sem qualquer necessidade de realizar o mais pequeno esforço, fosse para trabalhar, fosse para enfrentar os perigos do mar, Ulisses pensava em tudo o que tinha deixado: os companheiros, que se perderam no mar; os perigos que juntos haviam enfrentado, como Polifemo; os feitos realizados para glória dos Gregos, nomeadamente o celebérrimo episódio do cavalo de madeira, com que enganara os Troianos; e, não menos importante, a sua Ítaca, com o seu palácio, a mulher e o filho. Como estariam? O que lhes havia sucedido ao cabo de todos aqueles anos? Teria Penélope voltado a casar? Governaria Telémaco Ítaca, ou seria um padraсто do jovem a exercer tal função?

¹ A este propósito tenhamos em conta o filme de Woody Allen, já com alguns anos, “Poderosa Afrodite”, em que são utilizados diversos aspectos da tragédia grega para gerar o cómico.

Eram estas as reflexões a que se entregava Ulisses, olhando o mar azul, que tanto escondia na sua imensidão!

Sem preocupações ou sofrimento, a deusa continuava imperturbável na sua quietude. Nem se apercebia do sofrimento do herói naquela calma, naquela tranquilidade, naquela perfeição em que viviam. A ausência de sofrimento ou preocupação, a possibilidade de uma juventude eterna, a posse de inúmeras riquezas eram, para ela, sinónimo de felicidade. Os deuses, porém, estão atentos. E logo Júpiter envia o seu mensageiro, Mercúrio alado, que informa Calipso da decisão tomada: Ulisses deveria regressar à pátria e às preocupações quotidianas. Sem dúvida, Calipso não ficará sozinha, já que a Ogígia aportarão outros navegantes, que talvez se deleitem mais com a ilha aprazível e a sua senhora.

Tranquila, a deusa anuncia a Ulisses o que lhe está destinado. Primeiro, este receia que seja uma armadilha, mas Calipso garante-lhe que não, que ela própria lhe dará os instrumentos necessários para que ele construa a jangada que o levará a Ítaca, com os alimentos necessários e com os presentes devidos às leis da hospitalidade. Subitamente, a atitude do herói altera-se: cheio de energia, começa a cortar as árvores que lhe haviam sido indicadas pela deusa.

“Com alvoroçada e soberba alegria, Ulisses atirou o machado contra um vasto carvalho que gemeu. E em breve toda a ilha retumbava, no fragor da obra sobre-humana. As gaivotas, adormecidas no silêncio eterno daquelas ribas, bateram o voo em largos bandos, espantadas e gritando. As fluidas divindades dos ribeiros indolentes, estremeendo num fulgente arrepio, fugiam para entre os canaviais e as raízes dos amieiros. Nesse curto dia o valente Ulisses abateu vinte árvores, robles, pinheiros, tecas e choupos - e todas decotou, esquadrou e alinhou sobre a areia. O seu pescoço e arcado peito fumegavam de suor, quando recolheu pesadamente à gruta, para saciar a rude fome, e beber a cerveja gelada. E nunca ele parecera tão belo à deusa imortal, que, sobre o leito de peles preciosas, apenas os caminhos se cobriram de sombra, encontrou, incansada e pronta, a força daqueles braços que tinham abatido vinte troncos. Assim, durante três dias, trabalhou o herói.”

(pág. 239)

Apenas quatro dias foram necessários a Ulisses para construir a jangada que o levaria à pátria, enfrentando novos perigos no mar incerto. Estava pronto para partir e deusa e ninfas prepararam-lhe os víveres e entregaram-lhe os presentes reclamados. Ulisses “trepou sofregamente à jangada, soltou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias - para a delícia das coisas imperfeitas!”, declara Eça ao terminar o conto.

Como é evidente, estamos perante uma narrativa que recorreu à mitologia clássica, à literatura grega, para realçar as qualidades do ser humano. Na verdade, Eça de Queiroz não se limitou a narrar um episódio da *Odisseia*², mais do que isso,

² O episódio narrado corresponde sensivelmente a *Odisseia*, V, 1-281. Embora Eça de Queiroz não

ele serve-se deste episódio específico para salientar a importância da humanidade face à divindade. Começando pelo primeiro aspecto, constatamos que o mito é narrado com grande fidelidade, revelador do domínio que o autor possuía da cultura antiga: a pormenorizada descrição da ilha de Ogígia, de Calipso, do modo como Ulisses passava os dias, da chegada de Mercúrio com as ordens de Júpiter. Ulisses é retratado como “o mais subtil dos homens”, de “corpo poderoso”. Os sete anos passados na ilha tinham alterado a sua compleição, tendo perdido a tez tisonada pelo sol ou a áspera calosidade provocada pelos remos; como compensação, engordara devido à inactividade. Mas isso em nada afectou o seu carácter. Enquanto olhava o mar, Ulisses recordava o passado:

“Então era a planície de Tróia e as brancas tendas dos Gregos ao longo do mar sonoro! Sem cessar, meditava as astúcias de guerra; com soberba facúndia discursava na Assembleia dos Reis; rijamente jungia os cavalos empinados ao timão dos carros; de lança alta corria, entre a grita e a pressa, contra os Troianos de altos elmos, que surdiam, em roldão ressoante, das Portas Skaias!... Oh! E quando ele, príncipe de povos, encolhido sob farrapos de mendigo, com os braços maculados de chagas postiças, coxeando e gemendo, penetrara nos muros da orgulhosa Tróia, pelo lado da Faia, para de noite, com incomparável ardil e bravura, roubar o palácio tutelar da cidade!”

(pág. 228)

Eis os principais traços do herói a força, a coragem e a astúcia. Características que Ulisses não perdeu durante a estadia em Ogígia. A este propósito basta recordar a sua atitude quando Calipso lhe anuncia que pode partir para Ítaca. A sua reacção não é de alegria, de entusiasmo, mas de desconfiança:

“O cauteloso Ulisses recuava lentamente, cravando na deusa um duro olhar que a desconfiança enegrecia.”

(pág. 233)

E acusa rudemente a deusa de esconder um “pensamento terrível”, alegando a “malícia infinita que contém o coração dos imortais”, exigindo a Calipso que jure que não lhe está a preparar uma “perda irreparável”. Este episódio comprova, servindo-me das palavras de Calipso, que Ulisses é “o mais refalsado e manhoso dos homens”, dado não conceber “que exista espírito sem manha e sem falsidade”.

A par disso, Eça não esqueceu as diversas aventuras por que passou, juntamente com os companheiros: Polifemo, Cila e Caríbdis, as sereias, a descida aos Infernos são contrapostos à moleza da vida na ilha de Calipso. Apesar de toda a ociosida-

aborde todos os aspectos destes versos do poema homérico, eles são percebidos pelo leitor. Exemplo disto é a assembleia dos deuses, com que o poeta inicia o canto V da *Odisséia*; esta não é apresentada por Eça, embora Mercúrio se dirija a Ogígia como emissário do pai dos deuses, para comunicar a Calipso a decisão tomada relativamente ao mortal que ela acolhera.

des, de todas as comodidades, Ulisses sentia-se preso. Isso mesmo diz ele à deusa, quando esta lhe lembra quantos males deverá ele ainda sofrer:

“Perfeitamente sei que Penélope te está muito inferior em formosura, sapiência e majestade. Tu serás eternamente bela e moça, enquanto os deuses durarem: e ela, em poucos anos, conhecerá a melancolia das rugas, dos cabelos brancos, das dores da decrepitude, e dos passos que tremem apoiados a um pau que treme. O seu espírito mortal erra através da escuridão e da dúvida; tu, sob essa fronte luminosa, possuis as luminosas certezas. Mas, oh deusa, justamente pelo que ela tem de incompleto, de frágil, de grosseiro e de mortal, eu a amo, e apeteço a sua companhia congénere! Considera como é penoso que, nesta mesa, cada dia, cu coma vorazmente o anho das pastagens e a fruta dos vergéis, enquanto tu ao meu lado, pela infável superioridade da tua natureza, levas aos lábios, com lentidão soberana a ambrósia divina! Em oito anos, oh deusa, nunca a tua face rebrilhou com urna alegria; nem dos teus verdes olhos rolou uma lágrima; nem bateste o pé, com irada impaciência; nem, gemendo com urna dor, te estendeste no leito macio... E assim trazes inutilizadas todas as virtudes do meu coração, pois que a tua divindade não permite que eu te congratule, te console, te sossegue, ou mesmo te esfregue o corpo dorido com o suco das ervas benéficas. Considera ainda que a tua inteligência de deusa possui todo o saber, atinge sempre a verdade: e, durante o longo tempo que contigo dormi, nunca gozei a felicidade de te emendar, de te contradizer, e de sentir, ante a fraqueza do teu, a força do meu entendimento! Oh deusa, tu és aquele ser terrífico que tem sempre razão! Considera ainda que, como deusa, conheces todo o passado e todo o futuro dos homens: e eu não pude saborear a incomparável delícia de te contar à noite, bebendo o vinho fresco, as minhas ilustres façanhas e as minhas viagens sublimes! Oh deusa, tu és impecável: e quando eu escorregue num tapete estendido, ou me estale uma correia da sandália, não te posso gritar, como os homens mortais gritam às esposas mortais: - Foi culpa tua, mulher! - erguendo, em frente à lareira, um alarido cruel! Por isso sofrirei, num espírito paciente, todos os males com que os deuses me assaltem no sombrio mar, para voltar a urna humana Penélope que eu mande, e console, e repreenda, e acuse, e contrarie, e ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame de um amor que constantemente se alimenta destes modos ondeantes, como o lume se nutre dos ventos contrários!”

(pp. 236-237)

Esta longa tirada de Ulisses mostra-nos o motivo que levou Eça a inserir, nos seus *Contos*, um episódio dos poemas homéricos. Não se tratava de uma mera demonstração de erudição, muito embora seja nítido o conhecimento que o escritor possuía da mitologia grega e dos poemas homéricos. Tudo o comprova no modo como narra a aventura de Ulisses na ilha de Calipso. Eça não descurou o mais pequeno pormenor.

O seu principal objectivo, contudo, era realçar as características dos seres humanos, a sua desconfiança, a sua imperfeição, a sua sujeição ao sofrimento e à dor, em suma, a sua humanidade. Fá-lo por contraste com a divindade de Calipso e a sua perfeição. Ulisses é o herói valoroso, corajoso, inteligente; simultaneamente é o homem solidário, preocupado consigo e com os seus companheiros,

tudo fazendo para preservar a vida e regressar à pátria. É o homem que enfrenta o desconhecido, de espírito aberto, curioso, sempre pronto a conhecer coisas novas; é também o homem em contacto com a natureza com todos os seus riscos: por um lado, no seu lado perigoso - Ulisses suporta (paciente) os riscos do mar ou os animais ferozes -, por outro, no seu lado aprazível e seguro, já que essa mesma natureza, que tantos perigos comporta, é a mesma que dá o alimento, a protecção, e que o herói observa pensativamente na ilha de Ogígia.

Mas, a par do seu carácter heróico, Ulisses também é homem, com todos os defeitos e qualidades que isso implica. O cuidado, o carinho, a tristeza, a irritação são sentimentos que caracterizam o ser humano e dos quais ele não consegue libertar-se. Ulisses patenteia isto perfeitamente ao opor a perfeição da deusa à imperfeição de Penélope, que é também a sua. Enquanto uma sofre, ou se alegra, comete erros, ou ouve atentamente o que ele tem para contar, a outra permanece calma, tranquila, como se não fosse afectada por qualquer tipo de sentimento; não precisa que ele lhe conte o que quer que seja, já que tudo conhece, e não comete erros por que possa ser censurada. Ou seja, toda a sua perfeição serve apenas para tornar o homem mais saudoso das suas características, do seu mundo. Nem as suas riquezas são suficientemente sedutoras, na medida em que o isolamento da ilha impede a exibição dos bens. Note-se, a este respeito, a afirmação de Ulisses, quando Calipso se propõem encomendar a Vulcano armas para o herói:

“- Que valem armas sem combates, ou homens que as admirem?”

(pág. 238)

Para concluir, este conto de Eça de Queiroz mostra não só os conhecimentos que o seu autor possui da literatura e da mitologia gregas, mas ainda uma compreensão exacta do espírito do poeta da *Odisseia*, a preocupação com o homem, verdadeiro centro do poema, e o amor pela vida e por tudo o que ela comporta. Julgo que terá sido este o motivo que o levou a escrever este conto, tão próximo, na mensagem que transmite, de certos aspectos d’ *A cidade e as serras*. Poderíamos, assim, dizer, que Eça não estaria longe da concepção de Terêncio, ao afirmar, Homo sum: humani nihil a me alienum puto³. Ou, para nos servirmos das palavras de Ulisses ao despedir-se da ilha Ogígia e de Calipso: “Oh deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!”.

³ Terêncio, *Ileautontimorumenos*, 77.

